

FRANCISCA NÓBREGA*

COMO SE FOSSE BRINCADEIRA DE RODA

RESUMO

Procuramos dar conta de um sentido de infância, bem como colocar a relevância da leitura de obras de Literatura Infantil pelo adulto, como forma de resgatar ou recuperar a própria linguagem. Este texto se elabora em três segmentos, investidos numa proposta semiológico-hermenêutica.

RESUME

Dans ce texte nous essayons, d'une part de construire un sens de l'enfance et d'autre part de montrer l'importance de la lecture, par des adultes, des oeuvres de la littérature enfantine, comme une forme de récupérer leur langage. Ce texte est composé de trois parties, organisées dans une perspective sémiologique-herméneutique.

* Professora de Literatura Infantil na Faculdade de Letras da UFRJ.

PROPOSIÇÃO

(onde se fala de Semiologia)

Chega o momento em que a vida parece completa: os referentes essenciais estão descobertos, possui-se a matéria-prima do futuro, encorpa-se em risco firme a planta da estrada que ainda houver por caminhar.

Nesse momento, a gente se expõe, propondo suas idéias como um manjar feito de sangue, para o banquete de todos.

Colocar o que considero verdadeiro implica a minha tomada de posição no quadro já bem considerável dos estudiosos de Literatura Infantil, hoje. Tenho minhas diretrizes, minhas convicções que, se não destoam totalmente das de meus companheiros de interesse, às vezes ficam pouco claras. Creio-me no direito e no dever de esclarecer que não abro mão de nenhum elemento teórico que me possa facultar a compreensão do que quer que seja. No caso desta área de estudos, nada é menos nem mais importante: a leitura historicista, a direção psico-analítica, as posturas sociológicas, tudo contribui para a tentativa de estabelecer uma poética do infantil. Assim, para quem exige uma linha de pensamento, poderei parecer eclética demais. É que tateio em todos os rumos para achar o rumo. É assim que vivo: não crendo na "última palavra".

Agora vivo a experiência da aurora, tendo como mestres diários e constantes as crianças com quem convivo: os netos que acaso tenha e os dez que já tenho (e não é por acaso). Neles se proclama, como principal verdade, que estou no tempo de viver "uma outra experiência, a de DESAPRENDER..."

Gostaria pois que a fala e a escuta que aqui se trançarão fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que delas se faz.

Quando a criança age assim, não faz mais do que desenrolar as idas e vindas de um desejo, que ela apresenta e representa sem fim.¹

Para escrever estas laudas, mil vezes me perguntei:

- Espelho meu, espelho meu,
que tamanho tenho eu?²

E como realmente tenho um espelho falante, mágico impiedoso, vou achando respostas. A duras penas, mas vou. Cada resposta configura-me no desejo de proferir palavras bem do meu tamanho. É isto o que pretendo aqui: lançar algo, muito do meu jeito, sobre o grande lance de minha vida: a Literatura Infantil.

Difícil foi situar o que abordar nesse campo. Tudo é tão importante: a discussão sobre a validade de uma literatura adjetivada, a conceituação de Literatura Infantil, a evolução dessa, a sua classificação no quadro das literaturas outras (com e sem adjetivos).

Mas... existe o espelho.

E resposta de espelho mostra primeiro a fisionomia de quem se olha. E vejo, claro como água, que "faço" Literatura Infantil para adulto, (É!) para quem, como eu, descobre que as andanças pelos caminhos da infância são uma forma esplêndida de reencontrar a própria Linguagem que adormeceu sob a ação dos filtros (muitas vezes venenosos) de todos os sistemas, no seu afã de nivelar (por cima ou por baixo) para controlar.

Muito mais que vestir-me de branco para entrar no Templo e sentar-me entre Doutores, quero-me verde e vos quero verdes, senhores do mel que flui e goteja de nossas próprias entranhas mostrando-nos os nossos signos mais significantes para nós.

"O signo vale por seus contornos, suas vizinhanças"³ - me diz Barthes.

O signo vale por seu fundamento - penso eu, sob o respaldo

do mesmo Barthes, quando me revela a língua como

um círculo abstrato de verdades, fora do qual - e somente fora dele - começa a depositar-se a densidade de um verbo solitário.⁴

Ou ainda como algo "aquém da Literatura", onde o estilo está "quase além", pois este é uma eclosão e irrupção da "mitologia pessoal e secreta do autor".⁵

Na verdade, a afirmativa de que o signo vale por seus contornos e vizinhanças pode parecer um privilégio à expressão (e é). Mas não apenas como se fosse um objeto do qual se eliminasse o passado e o futuro. A expressão indica a impressão. A Semiologia procura a relação entre elas, não sabe de contornos sem vizinhanças e não exclui a vizinhança do homem. Aliás, vizinhança é pouco, a palavra tem de ser outra, mais forte: não exclui a intimidade quase promíscua do homem consigo.

A Semiologia quer denunciar a presença humana, como acontecimento do SER. Mesmo antes da seleção e da combinação (determinantes de contornos pela vizinhança) existe a força que agencia as duas, uma força fundamento que explode, aguda e contundente na ponta do estilo, que é, como diz Barthes:

"a coisa" do escritor, seu esplendor e sua prisão, sua solidão/.../ É a voz decorativa de uma carne desconhecida e secreta; funciona à maneira de uma Necessidade, como se, nessa espécie de explosão floral, o estilo fosse apenas o termo de uma metamorfose cega e obstinada, brotada de uma infralinguagem que se elabora no limite da carne e do mundo.⁵

O estilo, em Barthes, "tem uma dimensão vertical /.../ é sempre um segredo".⁶

Então o signo vale por seus contornos, vizinhanças e possibilidades de levar ao segredo; concluo. Pois existe o leitor. Também ele senhor de uma voz que desconhece, rebentando em flores ou dores com o texto que lê. Ele, na vizinhança e de portas a dentro, roubando a chave de abrir o segredo dele mesmo.

É isso que defendo: o acontecimento humano na relação entre signos e significações.

A mim me seduz o sentido.

Quero uma semiologia hermenêutica.

Não custa tentá-la relendo uma escritura de infância.

Ou melhor, lendo a criança como signo.

EXPOSIÇÃO

(onde se pretende "fazer" semiologia)

Diga-se, de início, que neste artigo só se deseja ler a própria criança como um texto cujos fios atropelamos, embaraçamos e crávamos de nós.

Não é uma obra de Literatura Infantil que me serve de corpus. É uma obra de Clarice Lispector, onde se enumeram significantes da criança para si e para nós.

Dou minha mão a cientistas e poetas, que todos me passam o anel do meu saber. Agora, fala-me o poeta; passa-me termos de amorosa denúncia.

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em que acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso - lá está ele sentado no chão de um real que tenho de chamar vegetativo para poder entender. Trinta mil desses meninos no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade a que um dia já pertencemos?

A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo mas, para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar.

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera.

Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim

continuará progredindo até que, pouco a pouco, - pela bondade necessária com que nós salvamos - ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura.

Mas, por enquanto, ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno.

Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora, ele observa o que o ato de se erguer provocou.

Pois levantar-se teve conseqüências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de O Menino.

É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção no retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz - num único gesto total, ele cai sentado. Da boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas.

E de súbito, como para prender o inevitável, com inesperada violência, ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.⁷

Do fragmento, aberto em pergunta, desliza um desejo: quer-se um modo de conhecer o menino, um modo de representá-lo na justiça que o fez nascer real com a vida.

No fragmento, escondida entre palavras, se insinua a resposta: "jamais".

No conto, no centro do conto, se coloca uma criança a quem começo a contemplar. Quero negar a negação do poeta, abalar esse "jamais".

Por isso, com o narrador, mudo, o recurso: ele troca (eu troco) a palavra pelo desenho: quem sabe, por aí, o conseguimos re-presentar?

Em ofício paciente, disponho-me a abrir o signo⁸, procurando os sinais distintivos peculiares do ser em questão.

"Quanto a mim, olho e é inútil..." - diz o poeta, enfatizando toda a vã constelação de olhares, que, perpassando sobre a criança, pouco a tem visto.

"... não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual..."

Recebo a confissão do poeta e procuro - eu mesma - entender o confessado.

Totalmente desafia-me o pensamento a colocar-se nos territórios do *todo*. Ecoa em mim a vontade de ver a criança *TODA*. Impossível, portanto, fugir de pensar no *ATUAL*.⁹

Pródigos dissipadores da fortuna do *SER*, mal nos damos conta do muito que reduzimos, quando significamos *atual* como o que é de agora, deste mundo, de hoje. O natural desgaste das palavras já não permite conhecer o termo na sua vinculação direta com a dicotomia aristotélica de *ATO/POTÊNCIA*. O ato se entende como "energia que se desdobra e flui", ou como "a realidade do *SER*, anterior à potência"¹⁰, isto é, anterior a toda aptidão ou capacidade de realizar.

Para Clarice, o menino é o "totalmente atual", tem e vive a energia do *TODO*. Aí se movimenta, potente para todo o desempenho. Aí, é competente.

"Ninguém conhecerá o *HOJE* dele, nem ele próprio" - diz o poeta.

O *HOJE* me apela para a ante-época, para o primeiro instante do dia Histórico, onde toda a energia do *TODO* se concentra. E me apela para o hoje de mim, consciente desse *todo*-criança em dispersão. Então, encorpa-se a ousadia de uma proposta: ler a criança é re-curso de ser adulto, pois que abre a passagem ao re-encontro e clareia nova ordem no retornar.

Quem busca o desenho do menino debruça-se sobre o hoje - momento historiográfico - e procura o que então se manifesta em códigos, cuja decifração pode apontar, mais nítido e ilumina

do, o traço original a desenhar.

O olhar inútil não vê além da superfície. Pica na vaga noção, lugar de quem não vai além do imediato. Não consegue entender, porque o entendimento não se efetiva somente ao olhar. Exige ir além da apreensão, e compreender. Isto! Ou ficar na periferia considerando apenas "situações": o menino "é aquele em quem acabam de nascer os primeiros dentes", "é o mesmo que será médico ou carpinteiro". Tudo circunstâncias, tudo formato e mapa dos domínios do parecer. Tudo acidental, tudo desempenho de ignorada competência.

No centro do conto, o menino prolonga sua paciência de esperar.

O poeta o sabe "para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive". Eu sei que todo o humano é sempre para além. E sei também que compreender o humano é estar na criação, batalhando risco(s), desenhando riscos.

Riscar é coisa ambígua.

Existe o risco que rasura e apaga. Existe o risco que deflagra e ateia. (O risco da pedra é atear o fogo).

Longa tem sido a escuridão que, envolvendo a criança, não a diferenciou nem lhe permitiu diferenciar-se, senhora de sua luz.

Tem sido mais fácil domesticá-la que hominizá-la: "Um dia o domesticaremos em humano" - diz o conto. Compreendo quanto este domesticar tem a ver com o risco que rasura a fala do menino sobrepondo-lhe o discurso da lei de inseri-lo na "domus", de adequá-lo ao sistema de prescrições e interdições definidora das instituições daqueles a quem compete criá-lo.

Mas riscar também é acender: permitir que o eu se projete do secreto. Singular, sô. O olho que nivela, atribui à criança uma identidade comum. E ela faz "o grande sacrifício de não ser louca", pois a margem é desconhecida, o corpo não se sustenta, a inteligência não se garante. Ela dá a mão e se deixa levar, às vezes para ser traída em sua confiança:

No centro da vida em roda, o menino colhe os silêncios da "terceira margem do rio"¹¹. Entenderá que é dali que se põe o SER, fluindo e flutuando?

"... Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício..."

Pela inevitável precisão de convívio, o menino se deixa le

var. Co - opera (n) a sua domesticação.

Mas insiste na energia.

Querem-no quieto: "você está quietinho aí?". Mas ele se ex-
gue "chamado ao trabalho". Inicia-se no duelo entre querereres:
"cambaleia sobre as pernas, a atenção inteira voltada para dentro".
Fora, é oscilação. "Todo o seu equilíbrio é interno".

E aí, no dentro-de-si realmente se faz sacerdote, oficiando os riscos de fluir - flutuar entre a força do outro e a força de si. Então, realiza aprendizagens

... o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de O Menino. /.../ eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste.

Um retrato, uma imagem, aparição de um outro, fantasma de algum outro, o mesmo trazido (trato) de novo, de não se sabe que lonjuras (re-).

No centro da sala, roda que se move incerta, o menino se move para acertar.

Oferecido à contemplação, agora é ele que contempla, vê e abriga a oferta de O Menino. Um menino que se deixa ver e se achar. Uma criação em risco de o fascinar pela coisa criada e, quem sabe, pelo criador. Prender-se à imagem... que coisa dúbida! Risco de ver-se deliberado pela mão de outro, risco de vir a elaborar-se como pode ser.

No entanto, "o menino pestaneja".

"... ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava".

O breve movimento do olho que se vela para fora recoloca-o na visão de dentro. "O equilíbrio se desfaz..." o interior e o exterior existem e são o seu mundo.

Tenso menino no centro dos achados.

"... num único gesto total, ele cai sentado". Aciaonado pela energia que é, cai-em-si e de si emerge o que dele se cria: "a baba clara", espontânea, irrefreável. Nova saliva no lodo do mundo...

Menino senhor de uma experiência sem preço, menino em aprendizagem de ser no mundo.

Destino de aprendizagem é criar o novo. Destino da criação é preencher uma carência. Por isso o "chão vazio" contracena com a mão na posse: o menino re-colhe a sua baba.

"Agora ele sabe disso também".

Sempre em movimento dialético vai processando aquisições, saberes: "Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino". Ingere o que tinha tomado na mão. Toma posse, na mais ampla acepção do TOMAR POSSE. Conhece e representa o conhecimento no pensar alto (falar): *menino*. Agora formula um conceito, imaginando-o em imagem acústica, a partir do referente captado em imagem visual.

COMPOSIÇÃO

(onde se teoriza a partir da semiologia)

Na dança, de mãos dadas com o poeta, o crítico vê a escolhida no centro da roda: criança. "a mais faceira", a face se fazendo mais.

Meu olhar constata:

- um ser humano, uma energia e uma capacidade, um binômio e uma tensão inatos. Um ser humano - criança, que se inicia na vida acionando-se e, ao mesmo tempo, sendo solicitada. Seu binômio vigora na tensão com o de todos.

Seu equilíbrio interno, de início, corresponde a uma "visão" do exterior como "chão vazio". Ela é mais mundo que contexto. Atento ao dentro e provocado pelo fora, torna-se atento também ao exterior e, só assim, poderá vir a preencher o vazio com aprendizagens.

O menino do conto aprendeu primeiro o espaço: a energia humana precisa de lugar para ser. Na relação criança/espaço, vai-se configurando "o outro" (ela mesma ou eles outros). Ela é ou tra quando elabora sua noção de si como interior e exterior.

Ela é cada vez mais outra quanto mais vai em busca do espaço exterior. Paradoxal que pareça, criança é querer em afã de poder.

Pelo mover-se incerta entre objetos que a superam e paredes que a circunscrevem numa moldura, inicia a leitura do mundo, com a experiência do limite. Mas a moldura contém a sua realidade de imediata. Aquela que lhe poderá dizer "as grandes palavras",

As que parecem sopradas de cima
/.../
As que se conjugam com as grandes
verdades
E saem do sentimento mais fundo,
como os animais marinhos de águas lícidas.¹²

Na tensão entre o limite e a vontade de poder, recolhendo experiências, se libertará da solidão.

No conto de Clarice, a parede suporta o retrato. Na leitura que faço, o limite contém os referentes, as primeiras representações da saga do viver.

No conto, prender a atenção no retrato alto é exatamente o que "serve de guindaste" à criança. Na minha compreensão, a criança cresce à medida em que aumenta sua tensão com o limite e procura ultrapassá-lo.

Quando o pensamento do homem se entrega ao desempenho de pensar e falar a realidade institui o fenômeno chamado CONHECIMENTO. No homem, o pensamento aparece na inebriante aventura de conhecer a realidade.¹³

O conto refere, com certa irônica amargura do narrador, que "o menino comete um erro: pestaneja". Minha primeira leitura capturou o pestanejar como ato de passar momentaneamente da visão extra para a visão intra. Agora, encaro o erro, considerando, principalmente, o termo em sua origem.

Não vejo esse ato conforme o seu sentido moral de "ilusão". Não reconheço esse pestanejar como uma figura da substituição do fora pelo dentro. Vejo, antes, como a infância do errar humano, ainda sem a consciência do destino, mas já cumprindo seu envio de circular, afastar(-se) e voltar, ir e vir, caminhar o aqui e o ali, para ser além.

O menino em descoberta da realidade não terá mais como ser só o todo equilíbrio que era no início. Ele já não vive toda a magia, nem apenas na magia. (Porque só esta não reconhece fronteiras nem categorias). Esse menino é a criança que precisa saber de outro equilíbrio, um que se arquiteta com o suor do rosto, um que sinaliza o deslize original de dizer sim à promessa/ordem da serpente: "sereis perfeitos".

O equilíbrio significará daqui para diante a permanente tentativa de harmonia entre o que é e o que se vive, ou entre o

mundo e o contexto, ou entre o eu e os outros.

Não se trata então de um erro-falha. Fala-se de um erro - humana condição de ir e vir entre mundos em frequência exploratória.

Não se trata, então, de um desequilíbrio inexorável ou implacável. Fala-se de um desequilíbrio direito e leve, no processo do conhecimento.

No pestanejar automático e no desequilíbrio involuntário, o menino realiza o esforço: embrião de bravura, coragem e valor. "... a baba clara escorre e pinga no chão". Mesmo sem se dar conta do que faz, está fazendo a sua parte chamado que foi ao ofício de viver.

Seu pingo no chão: expressão desconcertante por desconhecida, uma realidade nunca vista, suspende o seu ritmo rotineiro e o coloca no espanto.

Fascinado, ele não se distrai. Precisa elaborar aquele "inefável" em signos que lhe permitam falar-se e falar o mundo.

"Olha o pingo bem perto" ... mira de muito perto, admira.

Faz mais: aciona "um árduo mecanismo de etapas". Quais? nunca o saberemos. Mas ele age: da surpresa, percorre pelo fascínio-encanto, pela admiração até a descoberta, sua descoberta como presença no chão da vida, no espaço exterior. É a si mesmo que quer apreender, capturar usando sua ferramenta pessoal: "ele achata a baba com a palma da mão". Ele mesmo: pingo de baba escrevendo uma forma nova no mundo, "com inesperada violência".

De novo "pestaneja, espera".

Do primeiro movimento de olhos (movimento sem-querer) resultou o saber da existência de dois mundos. Ao segundo (movimento de querer), segue um compasso de espera: expectativa do que vai acontecer. Certeza de que tudo acontece neste metafórico piscar de olhos que diz menos a fração do tempo, e mais a lição de que tudo se processa em tensões.

O menino já sabe isso (pois espera "o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas"). Irrompeu na moldura do mundo que o limitava, mas seu sinal não ficou no chão.

"Olha a mão" e conclui que tudo está ali.

Ao reabsorver a baba, ele sabe que pouco marcou. Ele, "colado à palma", sabe muito. "Agora ele sabe disso também". Disso: da fragilidade de sua força de marcar um mundo seu. E é "de olhos bem abertos" que ele "pensa bem alto" e se profere "menino".

O fragmento do conto de Clarice fecha aqui, com a criança realizando um saber de si, tensa e dividida, mas nomeando-se, começando a se possuir.

Na dança pelo poema, levanto teorias:

- É no jogo entre interior e exterior, entre figura e imagem, entre o expresso para e pelo outro e o impresso em si que o homem acontece.

- O acontecimento humano se dá quando o inefável vira falável, quando o vago se precisa em conceito. Quando nasce o inesperado, superando (matando) o esperado.

Lembra-me Paul Ricoeur¹⁴ propondo uma revisão de Heidegger que não dissocie o "existo" do "sum". Para ele, o "cogito" é uma procura por parte de quem se pretende sujeito. O sujeito se descobre na vida cotidiana, no conhecimento de si, na relação com o outro, no agenciamento da morte. No fim de todo processo se escreve a sentença do retorno. Este é "o dom de uma vida poética", duma vida que pode dizer "SOU" porque existo. Desde que se entenda a existência como tempo/espaco de cotidiana relação com a realidade, de ações sobre e com a realidade, de vivificação do real causa justa de morte da realidade.

Para mim, o dom de uma vida poética é a docilidade diante da irrupção da Linguagem.

No nosso fragmento de conto depreendo um percurso: o do acontecimento do conhecer. Para o menino de Clarice, a figura-retrato é o inesperado, diante do qual ele atualiza uma emoção básica, misto de medo e susto: interrompe-se o seu ritmo rotineiro. Sustenta-se o seu passo. Surpreendido, seu pensamento se inicia na indagação, atualizando mais uma vez aquilo que outrora se chamou ESPANTO. Deste medo impulsivo e curioso, o menino entra em FASCÍNIO, ou desejo indiscutível que o faz parar (deitar-se) diante do objeto desconhecido. Então, aciona-se o olhar que insiste sobre o novo, procurando significá-lo, dar um "lógica" a sua desconexão. Essa insistência é uma celebração, uma ação de frequentar, de ir e vir sobre o mesmo. E configura o ENCANTO, entendido este como representação que dá existência ao até há pouco inexistente. Quanto mais se frequenta, mais se convive e mais se pode ver, mirar, mirar de perto, admirar. A ADMIRAÇÃO propicia o conhecimento.

O resultado teria sido outro se o susto se desdobrasse no medo contensivo. Este não é o espanto que deslumbra, não se abre

em luz. Antes, paralisa o pensar, exagera o sentir, emudece o dizer, escurece a visão e afasta do conhecimento.

A criança - no meio da roda - é o meu espanto, e a todo instante me assusta.

Chegarei a conhecê-la?

Chegaremos?

Um dia, olhei para ela enternecidamente.

Agora, procuro lê-la também atenta, com ternura e inteligente atenção, "como quem a quer adivinhar"¹⁵.

Meu pensamento a elabora em discurso novo, olhando-a, vendo-a, mirando-a de perto. E o fascinante vai, pouco a pouco, fazendo-se palavra.

Com ela, clareio o conhecimento de mim.

E testemunho a luz da infância como provocadora de claridades; e destiladora de doçuras. É vê-la e ver-nos. É prová-la e descobrirmos o mel de nós.

NOTAS

1. BARTHES, R. 1980. p. 44.
2. MACHADO, 1982. p. 43.
3. BARTHES, 1971.
4. Idem, 1971. p. 19.
5. Idem, p. 19.
6. Idem, p. 20.
7. LISPECTOR, 1975. p. 136-138. O mesmo conto, com o título *Desenhando um menino* encontra-se em: _____. 1964. p. 206-210.
8. Desenhar é, originariamente, DE+SIGNARE: designar, marcar, ordenar, dispor. Prende-se ao radical *designum*, - : sinal, marca distintiva, indício, na língua artística: imagem pintada ou esculpida, pintura, estátua.
Cf. FARIA, Ernesto de. (1943) p. 343.
9. ATUAL se enraíza em *ago*, *agís*, *agí*, *actum*, *agere*. No mais antigo latim, "agere" quer dizer IMPELIR, EMPURRAR PARA A FRENTE, FAZER MARCHAR PARA A FRENTE. Como todos esses significa-

dos englobam a idéia de atividade, esforço contínuo, *agere* passou a significar *agir e fazer*, em oposição a *quiescere*: paralisar, aquietar.

10. MORA, 1981. p. 51.
11. ROSA, 1969. p. 31.
12. SHIMIDT, 1975. p. 50.
13. BUZZI, 1973. p. 5.
14. RICOEUR, 1978. p.
15. CARVALHO, 1976. p. 184.

BIBLIOGRAFIA

1. BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1980.
2. _____. *O grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, 1971.
3. BUZZI, Archangelo. *Introdução ao pensar*. Petrópolis, Vozes, 1973.
4. CARVALHO, Ronald de. *O espelho de Ariel e poemas escolhidos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar/Brasília, INL/MEC, 1976.
5. FARIA, Ernesto de. *Vocabulário latino-português*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1943.
6. LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
7. _____. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.
8. MACHADO, Ana Maria. *Bem do seu tamanho*. Rio de Janeiro, EBAL, 1980.
9. MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Madrid, Alianza, 1981. 4v.
10. RICOEUR, Paul. *A interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.
11. ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.